

DIÁLOGOS ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA: A CIDADE DO RIO DE JANEIRO ATRAVÉS DA CRÔNICA MACHADIANA

DIALOGUES BETWEEN GEOGRAPHY AND LITERATURE: THE CITY OF RIO DE JANEIRO THROUGH MACHADIAN CHRONICLE

Sheila Regina Alves Carvalho¹

Resumo: Desde sua institucionalização no final do século XIX, a Geografia esteve vinculada à ideia de ser uma ciência que “pegava emprestado” conteúdos de outras áreas do conhecimento, mostrando-se um campo plural e aberto a intercâmbios diversos, versatilidade essa que serviu, inclusive, de base para críticas à sua legitimidade enquanto ciência. Diante de tantas interações possíveis ao longo da história do pensamento geográfico, a interface entre Geografia e Literatura tem se apresentado como uma frutífera senda, na qual a literatura tem sido apropriada pela Geografia através de uma miríade de abordagens. O presente artigo foi motivado pela seguinte pergunta: “os estudos que relacionam Geografia e Literatura constituem um campo novo?” A fim de responder a esse questionamento, o artigo objetiva apresentar em sua primeira seção algumas abordagens possíveis nos estudos em Geografia e Literatura, contextualizando o florescimento do campo na Geografia brasileira. Destacando o interesse pelas cidades na literatura e verificando afinidades entre literatura e a Geografia Humanista, a segunda seção tem como objetivo explorar uma crônica escrita por Machado de Assis na imprensa carioca. Entendendo que nessas publicações Machado expõe sua afeição, pertencimento e bem-querência com porções espaciais da cidade do Rio de Janeiro, temos o lugar, ideia esta advinda da noção fenomenológica do mundo vivido e traduzida pela Geografia Humanista como tal.

Palavras-chave: Geografia Humanista, Machado de Assis, Geografia e Literatura, Crônicas.

Abstract: Geography has been considered a science which used to "borrow" subjects from other knowledge fields since it was institutionalized in the end of nineteenth Century, unfolding itself as a plural space, receptive to several exchanges even though that was one of the reasons why Geography was questioned about its legitimacy as a science. The interface between Geography and Literature appears as a fertile path concerning so many possible interactions along the history of geographic thought - a path upon Literature has been assimilated by Geography across a myriad of approaches. This work was motivated by the question "do the studies which connect Geography to Literature constitute a new area?". In order to answer this question, this work intends to present in its first section some possible ways to deal with the studies on Geography and Literature, contextualizing their bloom in brazilian Geography. The second section has as an objective to explore a chronicle by Machado de Assis published by press from Rio de Janeiro, highlighting the interest on cities in Literature and checking its relationship to Humanist Geography. Reading that Machado exhibits his affection and belonging in these publications with space samples of Rio de

¹ Mestranda em Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGEO/UERJ). E-mail: sheilacarvalho.geo@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)

Janeiro, we have the concept of place coming from the phenomenological idea of a world through a vivid experience and construed by Humanist Geography as it is.

Keywords: Humanist Geography, Machado de Assis, Geography and Literature, chronicles.

Introdução

Diante da pluralidade temática da Geografia, um estudante curioso em percorrer os meandros da Geografia e Literatura pode incorrer no erro de supor que essa combinação constitua um novo campo de estudos, com certo grau de ineditismo. Compreensível, tendo em vista que os aspectos culturais têm sido historicamente marginalizados em grande parte dos cursos de licenciatura e bacharelado em Geografia no Brasil. Basta recorrer à grade de disciplinas para constatar a inexistência, ainda hoje, das geografias cultural e humanista como disciplinas no fluxograma de muitos cursos de ensino superior. No entanto, ao realizar um levantamento bibliográfico mais cuidadoso, é possível constatar que menções à literatura na Geografia remetem ao século XIX.

Deste modo, procuramos neste artigo abordar a aproximação entre geografia e literatura, propondo uma reflexão sobre a pertinência e potência do encontro dessas duas áreas do conhecimento. Buscamos fazer o esforço de reunir, a partir da visão de diferentes autores, algumas formas da geografia se apropriar da literatura, a fim de situar a trajetória das pesquisas no campo.

Considerando o contexto de desenvolvimento das cidades e sua constituição como um cenário privilegiado na literatura do século XIX, propomos uma aproximação entre geografia e literatura a partir da geografia humanista, na medida em que, ao relatar suas percepções e vivências no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro através de suas crônicas, Machado de Assis expressa afetividade em relação à algumas porções espaciais, transformando, assim, espaços em lugares (TUAN, 1983). Para tanto, recorreremos à análise de crônica publicada em 21 de Janeiro de 1889, onde buscamos associar Machado de Assis à figura do *Flanêur* e demonstramos a relação de pertencimento do autor com relação a lugares do Rio.

Geografia e literatura: Diálogos, possibilidades e leituras

A apreciação da aproximação entre Geografia e Literatura não é nova: Humboldt em sua obra *Cosmos*, sugere esse diálogo ainda no século XIX, dedicando dois capítulos à literatura e à pintura (BROSSEAU, 2013). Autores como Vidal, H. R. Mill e J. K. Wright já indicavam a pertinência da apropriação da literatura pela Geografia na primeira metade do

Séc. XX (SUZUKI, 2017), sendo este último, autor de três textos que trazem obras literárias para o escopo geográfico, ainda na década de 1920: *Geography in literature* (1924), *The Geography of Dante* (1924) e *A plea for the history of Geography* (1926)², como salientam Marandola Jr. & Oliveira (2009).

No Brasil, é Pierre Monbeig, em 1940, que inicia os debates relacionando Geografia e Literatura (SUZUKI, 2017). Monbeig considerou a literatura como ponto de partida para o entendimento de lugares, regiões e paisagens pelos geógrafos, já que os literatos realizaram descrições minuciosas sobre as realidades geográficas muitas vezes ainda não estudadas pelos geógrafos (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009).

A formação de importantes geógrafos, sobretudo na primeira metade do século XX, foi influenciada pela literatura, representando muitas vezes um caminho para chegar à Geografia. Geógrafos como Aziz Ab'Saber utilizaram a literatura como recurso para uma melhor compreensão da realidade geográfica e cultural brasileira, de acordo com o autor em sua obra autobiográfica:

Na Biblioteca municipal, eu lia de tudo: Graciliano Ramos me influenciou muito, com *Infância*, *Memórias do cárcere*, *Vidas Secas* e *S. Bernardo*. Evidentemente, a obra regional que mais me impressionou foi a de Euclides da Cunha, com especial referência a *Os sertões*, além de suas perspicazes observações sobre a solidão do homem nordestino nos seringais da Amazônia (...) Eu via a geografia através dos romances. Desdobrei-me no estudo da literatura brasileira: Dalcídio Jurandir para a região amazônica, José lins do Rêgo, Jorge Amado e Graciliano Ramos para a região semi-árida...Até hoje tenho uma noção da importância disso, por que me perguntam: “Professor Aziz, quais são os espaços que podem ser chamados de parques culturais no Brasil?” E eu digo: “Tem o amazônico, tem o sertanejo do Nordeste, tem o residual caipira, tem o residual caçara, tem o gaúcho e tem o pantaneiro. Estas são grandes áreas de tradição no linguajar e na mitologia regional”. (AB’SABER, 2007, p. 47).

Marandola JR. e Oliveira (2009) ratificam a importância da literatura para a consolidação de uma identidade nacional, destacando que uma parte considerável da produção literária nacional serve de base para a compreensão da nossa natureza e também da nossa cultura, retratando especificidades regionais e descrevendo o modo de viver de nossa gente:

O romance brasileiro, portanto, pode ser tomado em sua linguagem literária para se debruçar sobre suas geografias. São inúmeros escritores que contribuíram para o conhecimento do tema e das gentes brasileiras, englobando as questões locais e regionais, contribuindo para firmar e delinear a identidade deste vasto país em busca de afirmação, enquanto nação. São autores que lançaram as bases para se compreender a formação

² WRIGHT, John K. *Geography in literature*. The Geographical Review, n.14, p.659-660, 1924a.

_____. *The Geography of Dante*. The Geographical Review, n.14, p.319-320, 1924b.

_____. *A plea for the history of geography*. Isis, v.8, p.477-491, 1926.

histórica e cultural, partindo de uma geografia com ritmos e símbolos criando personagens e descrevendo a realidade de um prisma artístico. Com a imaginação artística, os possíveis mundos reais e fictícios assumem contornos, descrições e representações dependendo dos olhares e das cores da interpretação da leitura e da escrita. É tarefa do geógrafo lançar as redes para procurar as ilações entre as duas linguagens. (MARANDOLA JR., OLIVEIRA, 2009, p. 492)

Mesmo que a literatura não tenha sido abordada explicitamente nas obras dos geógrafos, a releitura do mundo através dela influenciou a produção geográfica desta ciência recém instituída e ainda permeada por outros saberes nas fronteiras do conhecimento. Consoante Marandola Jr. e Oliveira (2009), até a sistematização e institucionalização das ciências, Geografia e literatura caminhavam juntas, imbricadas. Relatos, cartas e diários de campo de naturalistas e viajantes são exemplos de uma literatura geográfica.

Conforme sugere Pocock (1981), o verdadeiro artista exprime da realidade sua essência, representando em suas tramas nuances da condição humana com uma habilidade que o cientista não possui. Deste modo, a literatura se apresenta como um campo apropriado e muito rico para a investigação geográfica, já que suas contribuições para a compreensão da condição humana e, conseqüentemente, da sua experiência ambiental, seu mundo vivido, interessam, sobretudo, ao geógrafo humanista. Mello (1990, p. 109) promove os literatos a geógrafos amadores, tendo em vista que “descrevem e inventariam geografias de lugares diversos, fornecendo um rico material a ser apreciado pelos geógrafos formais”.

Com o advento do positivismo, a separação da Geografia e da Literatura teria ocorrido por meio da classificação da primeira enquanto ciência e da segunda enquanto arte apesar de, historicamente, como visto em diversos exemplos da literatura nacional, essas áreas estivessem associadas:

Se historicamente ambas estiveram sempre associadas, a modernidade encarregou-se de separá-las em duas “gavetas” bem distintas: Ciência e Arte, o que contribuiu para uma resistência a encarar a Literatura enquanto forma de conhecimento legítimo do ponto de vista científico. (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2009, p. 493)

Desta forma, embora o interesse dos geógrafos pela literatura não seja algo novo, a partir da necessidade de maior rigor teórico-metodológico em busca de sua afirmação enquanto ciência, houve uma cisão no diálogo Geografia-literatura, somente retomado a partir da década de 1970, com a emergência das geografias cultural e humanista. É a partir desse momento que efetivamente começam a ser desenvolvidos trabalhos relacionando essas duas áreas, com a utilização de textos literários como fonte para análises geográficas.

A retomada de interesse da geografia pela literatura ocorre em um momento de reação da disciplina à então vigente geografia teórico-quantitativa, que priorizava dados numéricos, visando a criação de leis gerais para a ciência, desprezando a dimensão do vivido e da subjetividade humana. Na contracorrente, surge a geografia humanista que, ao colocar o homem e sua relação com o ambiente no centro de suas preocupações, viu em outras fontes que não mapas, tabelas e modelos matemáticos, novas possibilidades e meios de apreender e compreender o mundo vivido do homem.

Fernandes (2017, p. 53) considera que o cenário de renovação da geografia se colocou devido ao fato de que a “necessidade de refletir sobre novas possibilidades para o pensar e o fazer geografia era premente”. Nesse sentido, Pocock (1981) legitima as descrições literárias da paisagem como uma fonte irrefutável para a geografia: “Sem dúvida, todos temos nossa representação favorita da paisagem literária, onde a qualidade da observação é mais memorável e, na verdade, mais significativa do que a exatidão dos mapas convencionais ou tabelas de estatísticas para a mesma porção da superfície da Terra” (POCOCK, 1981, p. 12)

O mundo que conhecemos ou como o imaginamos, entendemos e deciframos é influenciado por aquilo que lemos. Desta forma, podemos dizer que a literatura possui um papel fundamental na construção da nossa visão de mundo. Esta ideia é corroborada por Pocock (1981), que vê como uma consequência da ampla representação literária do sul da Grã-Bretanha, em detrimento das representações do norte, a formação de um imaginário que culmina, inclusive, em uma maior destinação de recursos e políticas públicas para essa região culturalmente imaginada e introjetada. Não obstante, Mello (1990, p. 108) salienta que “a literatura tem sido pródiga em mostrar os diferentes modos de vida e o progresso de entendimento, podendo ser, até mesmo, uma maneira de se conhecer os lugares”.

O movimento cultural e humanista permitiu o resgate de obras seminais como Wright (1947) e DARDEL (1952). Ao sugerir a *Geosofia*, ou seja, uma geografia que não considerasse apenas o conhecimento produzido por geógrafos e que incorporasse outras formas de conhecimento, Wright abriu as portas para a utilização da literatura como fonte pelos geógrafos:

Todas as ciências devem ser sábias, mas nem toda sabedoria pode ser rigorosamente científica. Além disso, a sabedoria envolve não apenas as ciências naturais e os estudos sociais, mas também as humanidades – as artes e as letras – investiga não menos do mundo da experiência subjetiva e expressão imaginativa do que sobre a realidade externa (WRIGHT, 2014, p. 17).

Conforme salienta Fernandes (2017), a geosofia sugerida por Wright pode ser considerada o ponto de partida para o geógrafo David Lowenthal, um dos precursores da geografia humanista, desenvolver seu pensamento. De acordo com HOLZER (2012), Lowenthal propõe uma nova epistemologia da geografia revisitando Wright (1947): “Seu ponto de partida era a ‘geosofia’, vista à base de um projeto de ciência que abarcasse os vários modos de observação, o consciente e o inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e o deliberado, o literal e o esquemático.” (HOLZER, 2012, P. 166)

Já Dardel (1952), responsável pelo contato e introdução da fenomenologia na geografia, através de sua obra *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*, representa, de acordo com Brosseau (2013, p. 267), “uma das primeiras manifestações em favor da literatura”, na medida em que recorreu à literatura para exemplificar sua noção de *Geograficidade*, que por sua vez inaugura:

Uma geografia vivida em ato, que tem na experiência o principal caminho de construção do conhecimento. A geograficidade diz respeito aos laços de cumplicidade que o homem estabelece com o meio, trazendo para o campo de interesse do geógrafo a afetividade, os sentimentos, a emoção e o complexo sistema de significações que o conhecimento intuitivo e perceptivo implicam. (MARANDOLA JR, OLIVEIRA, 2009, p. 494).

Deste modo, a geografia de Dardel é fenomenológica na medida em que pensa o mundo a partir do homem, em especial a partir do corpo, que é o seu contato imediato e direto com o mundo. A essas múltiplas relações possíveis do homem com o espaço, o autor chama de geograficidade, que é dada a partir do ser-e-estar-no-mundo.

A relação entre geografia e literatura não ocorre através de uma via única. Ao contrário, é possível estabelecer esse diálogo através de diversos enfoques. Para abordar alguns desses caminhos possíveis, recorreremos à autores que estabelecem em seus trabalhos diferentes categorizações para relações possíveis entre geografia e literatura. Não obstante, faz-se necessário esclarecer que não temos o objetivo aqui de esgotar as discussões acerca das possibilidades para abordar geografia e literatura, tampouco realizar uma revisão bibliográfica completa, analisando alguns trabalhos que acreditamos contemplarem a intenção de demonstrar diversidade de caminhos investigativos possíveis.

Ao analisar os tipos de relações que a geografia vem estabelecendo com a literatura em seu texto originalmente publicado em 1996³, Brosseau (2013) identificou cinco tendências: literatura como um complemento de uma Geografia Regional; como crítica da realidade ou da ideologia dominante; histórias paralelas da geografia e da literatura; espaço,

³ BROSSEAU, Marc. Des Romans-géographes: essai. Paris, L'Hamarttan, 1996. 246p.

alteridade e literatura; e, por fim, a literatura como transcrição da experiência dos lugares. De acordo com o autor, a literatura permite transmitir a “alma dos lugares” sendo um meio de obter um “retrato vivo da unidade do lugar e do povo” (BROSSEAU, 2013, p. 268), identificando identidades regionais. Os relatos de viagem destacaram-se como importantes instrumentos para se conhecer terras distantes. No entanto, entende ser preciso refletir acerca do uso de produções literárias como fontes primárias, na medida em que não há como exigir objetividade ou uma correspondência real entre paisagens literárias e paisagens geográficas, uma vez que o texto literário é permeado pela subjetividade do autor e nem possui a pretensão de ser um documento histórico. Desta forma seria mais um recurso para estabelecer uma aproximação com o real, não tendo o compromisso, portanto, com sua reprodução fiel.

Considerando a literatura como crítica da realidade ou da ideologia dominante, Brosseau (2013) explicita que, embora em menor expressão do que os estudos da geografia humanista, a geografia radical ou crítica também demonstrou um tímido interesse nas análises de estudos literários. Para esses pesquisadores, interessa o contexto socioespacial do autor, para entender suas representações literárias do mundo. A literatura pode ainda cumprir um papel de transformar o mundo, mostrando o mesmo como ele é, denunciando desigualdades ou mostrando como ele deveria ser. A literatura teria ainda o poder de disseminar representações de mundo que reafimam ou refutam a ideologia dominante, possuindo assim, um papel político.

Apreciando “histórias paralelas da geografia e da literatura”, Brosseau (2013) recorre a diversos romances em que a geografia aparece mais do que um simples palco dos acontecimentos, em grande parte ocorrendo este interesse dos romancistas pela geografia devido ao seu conhecimento geográfico. Já na abordagem “espaço alteridade e literatura”, o autor critica o fato de, muitas vezes, o diálogo entre geografia e literatura ser inexistente, na medida em que os geógrafos frequentemente recorrem à literatura para ratificar suas teses, tornando-se uma pesquisa direcionada ao que se deseja encontrar, não se colocando de fato aberta ao diálogo, onde a literatura poderia “revirar ideias” já absorvidas e fornecer novas contribuições.

Ao considerar a literatura como transcrição da experiência dos lugares, Brosseau (2013) aponta o romance como o “encontro entre o mundo objetivo e a subjetividade humana” (BROSSEAU, 2013, p. 272), na qual a literatura realista do século XIX, contexto no qual se insere Machado de Assis, serviria como material privilegiado para essa análise. No entanto, o autor manifesta a sua preocupação em salientar que ao transcrever experiências

algo se perde no caminho. O romance pode, assim, recriar as experiências do autor, mas quando o mesmo as reproduz, estas já são uma representação do fato ocorrido. Não se pode, portanto, considerar as produções literárias uma descrição do real: há que se considerar esse encontro entre objetividade e subjetividade. A força da literatura, assim, “estaria em reunir a objetividade e a subjetividade, duas vertentes que mais se complementam do que se afrontam” (BROSSEAU, 2013 apud LAFAILLE, 1988).

Consoante Brosseau (2007), na relação geografia e literatura predominam estudos vinculados à geografia humanista. No entanto, o autor coloca dentre outras abordagens possíveis a análise do discurso, que no seu entender constitui-se como a mais marginalizada das abordagens. O autor atenta para a necessidade de se evitar uma transposição de discursos, já que entende que tanto a geografia quanto a literatura possuem discursos próprios, o que não deve ser ignorado: “geografia e literatura não são vasos comunicantes “ (BROSSEAU, 2007, p. 80). Isso se justifica devido ao fato de, ao transpor a literatura para a linguagem científica, ocorrerem deformações ou simplificações: “o que uma obra exprime não pode ser parafraseado” (BROSSEAU, 2007, p. 81).

Esta ideia é corroborada por Marandola JR. e Oliveira (2009) que, considerando que tanto a geografia quanto a literatura possuem métodos próprios, atentam para a necessidade de um cuidado com a transposição de discursos, que podem resultar em deformações e reduções:

Pensar a relação Geografia-Literatura não é apenas aproximar dois campos do conhecimento. Envolve aproximar duas visões de mundo que, enquanto tais, possuem suas especificidades, virtudes e limitações. Uma aproximação simplista reduziria o potencial compreensivo de uma ou de outra. Quer dizer: ler literariamente a Geografia ou ler cientificamente a Literatura, numa transposição de discursos, produziria deformações e reduções, diminuindo assim a riqueza da interação e a sua permeabilidade. (MARANDOLA JR, OLIVEIRA, 2009, p. 488).

Destarte, Brosseau (2007) propõe uma relação dialógica entre geografia e literatura, onde não haveria uma sobreposição de discursos, onde: “ o interesse por uma relação dialógica reside na sua vontade de reconhecer o outro enquanto outro, isto é, na recusa de transformá-lo em objeto, de ‘homologá-lo’. No interior de uma relação como essa, o outro permanece sujeito” (BROSSEAU, 2007, p. 81-82). Deste modo, Brosseau (2007) se aproxima da teoria literária, propondo inclusive a criação de uma metalinguagem como um meio para interpretar, decodificar a literatura.

Fernandes (2017) realizou em sua tese de doutorado o que chamou de “uma imagem da produção em geografia e literatura no Brasil”, na qual, a partir do levantamento e análise

das publicações referentes à geografia e literatura nos principais periódicos brasileiros⁴, no período compreendido de 1974 a 2014, identificou as escolas de pensamento, os referenciais teóricos utilizados e observou as tendências teóricas na produção do campo, através de uma análise quantitativa e qualitativa. O reencontro da geografia com a literatura a partir da década de 1970 ocorreu por meio de três escolas do pensamento: a Geografia Cultural Anglo-americana, a Geografia Humanista e a Geografia Cultural Francesa. Conforme enfatiza Fernandes (2017), identificar essas matrizes é fundamental para a compreensão do desenvolvimento dos estudos relacionando geografia e literatura atualmente:

No cenário atual da geografia, outros movimentos de renovação do discurso geográfico, tais como a geografia cultural e a geografia humanista, começam a ganhar relevo no que diz respeito a determinadas temáticas, entre elas, as pesquisas realizadas em geografia e literatura. (...). Entender melhor as tendências e as teorias que produziram renovações no discurso geográfico entre as décadas de 1970 e 1980 é essencial para compreender o quadro e as possibilidades de realização das pesquisas em geografia e literatura e para tornar mais visível o cenário da geografia contemporânea no Brasil e no mundo. (FERNANDES, 2017, p. 54-55).

Assim sendo, julgamos importante identificar por qual via ocorre esse ponto de contato entre geografia e literatura, já que, conforme apontam Marandola Jr. e Oliveira (2009) e Fernandes (2017), ao relacionar essas duas áreas do conhecimento, é preciso saber de qual concepção de geografia e de literatura se está falando. Desta forma, enquanto podemos observar na geografia cultural um maior interesse com a descrição da paisagem e da região na literatura, na interface via geografia humanista, o interesse está na relação do homem com o lugar, em como ele percebe e se relaciona com o seu ambiente, considerando, inclusive, a perspectiva do autor, sua subjetividade e seu olhar sobre mundo.

Fernandes (2017) aponta o predomínio de quatro principais referenciais teóricos utilizados nas pesquisas no Brasil: geografia humanista, que lidera o número de trabalhos desenvolvidos, seguidos da teoria literária, da teoria da geografia e da geografia cultural. O autor destaca a teoria literária como segundo referencial teórico mais utilizado pelos geógrafos, superando surpreendentemente os estudos que tem como base a geografia cultural. Se por um lado esta constatação demonstra um maior diálogo da geografia com outras áreas do conhecimento, por outro chama atenção de que a busca fora da nossa base teórica pode nos afastar da geografia. Portanto, “não se trata de negar a importância e a riqueza do diálogo com outros campos do conhecimento ou disciplinas, pelo contrário (...) mas não podemos esquecer

⁴ O autor considerou somente periódicos com Qualis/Capes A1, A2, B1 e B2, totalizando a análise de 37 periódicos analisados. (FERNANDES, 2017)

que estamos submersos em uma tradição de pensamento geográfico, e para avançar é necessário conhecê-la” (FERNANDES, 2017, p. 46)

Diferentemente de Fernandes (2017) que apostou na produção brasileira em periódicos, Suzuki (2017) faz uma análise da produção brasileira em geografia e literatura a partir do surgimento de grupos de trabalho e eventos acadêmicos relacionados à área, além de avaliar a evolução do campo a partir do número de trabalhos apresentados nesses eventos, bem como as temáticas, teorias e metodologias preferenciais adotadas. De acordo com o autor, o primeiro grupo de trabalho que reunia geografia e literatura ocorreu somente em 2011, no IX ENANPEGE (Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia), no qual foram apresentados doze trabalhos relacionando esses dois campos do conhecimento. Podemos considerar a criação desse grupo de trabalho como um decisivo ponto de partida para as pesquisas que correlacionam geografia e literatura no Brasil:

Além da enorme riqueza de debates e da troca de experiências de mediação entre Geografia e Literatura, as atividades realizadas pelo Grupo de Trabalho resultaram no planejamento de inúmeras ações, entre elas, a criação de uma revista (em vias de divulgação do seu primeiro número em que pese já ter sido aprovada junto ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: Revista Geografia, Literatura e Arte); a organização do Simpósio Nacional/Internacional de Geografia, Literatura e Arte (SIGEOLITERART), em São Paulo, em 2013 (...); e a criação de um Grupo de Pesquisa junto ao CNPq, o que foi realizado de imediato, a partir da Universidade de São Paulo, sob a liderança institucional de Júlio César Suzuki (USP) e Eguimar Felício Chaveiro (UFG), com o nome de Grupo de Pesquisa Geografia, Literatura e Arte (GEOLITERART). (SUZUKI, 2017, p. 133-134).

Suzuki (2017) demonstra um crescimento gradativo no número de trabalhos apresentados no Grupo de Trabalho do ENANPEGE, que passou de doze em 2011 para dezoito em 2013. Já em 2015, quando o grupo de trabalho integrou pesquisadores da imagem e passou a chamar-se *Geografias, Imagens e Literatura: interlocuções possíveis*, foram apresentados vinte e um trabalhos, demonstrando uma expansão do campo no Brasil. O autor analisa ainda a evolução do Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e arte, que teve sua primeira edição em 2010, contando com quinze comunicações livres. Já na segunda edição, em 2013, quando se transforma também em um Simpósio Internacional, totalizou 76 apresentações de comunicações livres, resultando em cinco coletâneas de livros. Em 2015, a terceira edição ocorrida em Goiânia compreendeu 58 comunicações livres e em 2017, a edição ocorrida em Dourados contou com 26 comunicações livres.

A partir da análise dos trabalhos apresentados nos simpósios e grupos de trabalho tratados anteriormente, Suzuki (2017) propõe uma classificação dos trabalhos em cinco abordagens, que nos auxiliam a observar o transcurso do campo de estudos sobre geografia e literatura no Brasil. De acordo com o autor, os trabalhos apresentados podem ser agrupados de acordo com as seguintes temáticas: Geografia humanista, cultural e fenomenológica; Geografia e estética literária; Geografia e ideologias; Literatura e ideologias; Reprodução das relações sociais e, por fim, Geografia, literatura e ensino.

Diante do exposto por Suzuki (2017), podemos considerar que a articulação dos pesquisadores de geografia e literatura é recente. Apesar dos estudos acerca do tema terem eclodido no contexto do surgimento das geografias cultural e humanista na década de 1970 no âmbito internacional, no Brasil essas tendências teóricas somente ganham força a partir da década de 1990, já que até esta data, a geografia crítica foi preponderante na geografia brasileira, inviabilizando, conforme aponta Fernandes (2017), o interesse por relacionar geografia e literatura. Deste modo, vale ressaltar a importância e pioneirismo do NEPEC (Núcleo de Estudos Sobre Espaço e Cultura), que contribuiu imensamente para a divulgação e tradução de textos seminais no campo das geografias cultural e humanista através da revista Espaço e Cultura, encurtando caminhos para o encontro entre geografia e literatura.

Marandola JR, e Oliveira (2009) identificaram onze diferentes abordagens utilizadas nos estudos de geografia e literatura, em um levantamento dos trabalhos publicados pós-1990. Neste levantamento, os autores consideraram dissertações, teses, publicações em periódicos e livros. São elas: Leitura realista; conteúdo geográfico; espaço telúrico e imaginação da matéria; percepção e experiência ambiental; paisagens vividas e significadas; paisagens culturais e representações; sentido de lugar; experiência espacial do autor; espacialidade e temporalidade; geografias simbólicas e criadas; e espaço romanesco.⁵ Através dessa classificação, os autores agrupam os trabalhos de acordo com os temas e o escopo teórico utilizado, indicando textos e autores que se enquadravam naquela vertente dos estudos em geografia e literatura.

Marandola JR. (2010) propõe uma sistematização mais simplificada dos estudos referentes à geografia e literatura, agrupando as pesquisas em dois enfoques: se por um lado, os estudos indicavam uma maior preocupação com a dimensão material, por outro, os estudos interessavam-se por um viés subjetivo:

⁵ Os autores sistematizaram essas abordagens, definindo seu escopo e indicando autores representativos de cada uma em um quadro comparativo. Para mais informações recomendamos a consulta desse material em Marandola JR. e Oliveira, 2009, p. 496.

Um olhar para a produção deste período, especialmente nos últimos anos, nos mostra duas tendências majoritárias: os trabalhos que enfocam e/ou buscam as materialidades (os fatos históricos, o ambiente físico, as estruturas sociais, os costumes, as ideologias), e aqueles que se preocupam com as imaterialidades (simbolismos, imaginário, sentidos, identidades, afetividade). Em termos geográficos, estas duas tendências se manifestam pela ênfase nas espacialidades ou territorialidades, de um lado, e nas geograficidades, de outro. (MARANDOLA J.R.; OLIVEIRA, 2009). Estas duas perspectivas apresentam um entendimento da Geografia e da Literatura o qual abre possibilidades distintas. A primeira vê a arte como documento, como expressão material da cultura, da sociedade, do momento histórico e de um dado território. Já a segunda entende a manifestação artística como potência criadora de mundos, constituindo a realidade, de um lado, e revelando parte da essência do mundo, de outro. (MARANDOLA J. R., 2010, p. 22).

Destarte, é preciso ponderar que ao considerar os estudos geográficos que utilizam a literatura como fonte e meio de análise, faz-se necessário compreender as nuances deste campo em desenvolvimento. Como vimos, diversas são as abordagens possíveis para o contato da geografia com a literatura. Buscamos apresentar o esforço de alguns autores em sistematizar o campo, o que possibilita uma visão geral de como estão sendo realizados os estudos, quais são as tendências, qual o alinhamento teórico e até mesmo temático das pesquisas que estão surgindo. Deste modo, apesar de poder ser considerado um campo de estudos de desenvolvimento recente na geografia brasileira, podemos considerar a consolidação do campo uma realidade, na medida em que o número de trabalhos na área vem apresentando crescimento, além da consolidação institucional a partir da criação de grupos de estudos devidamente registrados e a realização periódica de simpósios que, ocorrendo bianualmente desde de 2010, contemplam pesquisadores de geografia, literatura e arte.

Geografia e cidade através da crônica machadiana

Nesta seção, pretendemos abordar a exploração da cidade pela literatura, considerando o status urbano e as urbanidades como uma nova forma de organização social, na qual os autores se deparavam com o glamour do viver urbano juntamente com as contradições desse novo modo de vida. Por meio da análise de uma crônica escrita por Machado de Assis o jornal A Gazeta de Notícias, em 21 de Janeiro de 1889, associamos o autor à figura do *flanêur*, que vive, experimenta e retrata o cotidiano da cidade através de suas crônicas.

Na transição do século XVIII para o século XIX, com o advento da primeira revolução industrial, se estabelece a fase do capitalismo industrial. A industrialização representa uma

mudança drástica na forma de organização da sociedade, que, a partir deste momento histórico, urbaniza-se em uma velocidade jamais vista, conforme salienta Fernandes (2012):

As novas bases técnicas, sociais e políticas do capitalismo industrial reestruturaram, em diferentes graus, os territórios, as regiões e as redes urbanas, mas a face mais notável e espetacular desse processo foi o crescimento sem precedentes da urbanização e das grandes cidades (FERNANDES, 2012, p. 52).

No bojo do crescimento das cidades, desenvolve-se também o estilo de vida urbano, que refuta a calma, monotonia e “atraso” das zonas rurais, glorificando o adensamento populacional, o barulho e a efervescência do acontecer urbano, surgindo, assim, uma identidade urbana.

O advento da cidade moderna resultou na utilização em larga escala da cidade como tema pela literatura ocidental (SILVA, 2012). Enquanto outrora os ares bucólicos do campo constituíam-se enquanto espaço de inspiração para dos “homens das letras”, a difusão da cidade como *Lócus* da civilização e progresso resultou numa extensa produção literária utilizando a cidade como tema e palco dos personagens, na medida em que, de acordo com Pechman (1994, p. 5), como ressalta Silva (2012, p. 54), “os romancistas são os primeiros a se darem conta de que o meio urbano, onde os personagens se movimentam, é o cenário privilegiado na observação do mundo”.

O fenômeno urbano se coloca diante da sociedade como um fato novo, exigindo a reorganização de todos os aspectos da sociedade. O espaço se transforma e, concomitantemente, há alterações nas relações sociais e até mesmo a relação homem-natureza e a relação do indivíduo com seu corpo. Há um grande esforço do homem para compreender e se adaptar a esse novo modo de viver. Nesta perspectiva,

Pechman afirma que toda a literatura do século XIX que enfoca o espaço urbano ‘pode ser resumida como um magnífico esforço de desvendar os mistérios do ser olhando para a cidade’, uma vez que, ‘é nela que o drama da humanidade está sendo jogado’. A literatura, na ótica do autor, é capaz de revelar os aspectos do viver urbano e de captar a alma da cidade, atributos que normalmente não são contemplados pelos estudos científicos (SILVA, 2012:54 apud PECHMAN, 1994:5).

A literatura possui maior liberdade do que grande parte dos estudos científicos para dotar de subjetividade suas análises acerca dos “aspectos do viver urbano” e da “captação da alma da cidade”. A Geografia, por exemplo, se ocupa, na maioria das vezes em tentar explicar a organização espacial das cidades, o porquê de o espaço estar organizado desta maneira e não de outra, quem são os agentes espaciais que interferem na organização do espaço, além de

uma série de outras questões. Entretanto, a geografia humanista tem como característica fundamental a captação da alma dos lugares, a partir da experiência e percepção espacial dos indivíduos. No entanto, no que diz respeito à literatura e a possibilidade de resultar da percepção do espaço e das vivências do autor:

A literatura é capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço tem lugar (SILVA, 2012:58 apud PESAVENTO, 2002:10).

Desta maneira, podemos estabelecer uma conexão entre a produção literária e a geografia humanista, uma vez que ambas revelam uma dimensão sensorial e emotiva na relação dos sujeitos com seus espaços, que tornam-se lugares. Pesavento (2012, p. 14) refere-se ao escritor como um “espectador privilegiado do social”, que tem a possibilidade de descrever a realidade ao seu modo através dos textos literários.

Como a noção de realidade é muito complexa, uma vez que cada indivíduo interage com o espaço de uma maneira diferenciada, recebendo estímulos diversos e que variam de uma pessoa para a outra, o discurso literário “dá uma nova existência à coisa narrada”, isto é, uma versão da realidade segundo as perspectivas do autor, possibilitando diferentes interpretações, metáforas, de um mesmo lugar:

O escritor, autor do texto ficcional que ‘diz’ a cidade a seu modo, é o que se chamaria um espectador privilegiado do social, capaz de traduzir, em forma literária – romance, crônica ou poesia – um urbano que ‘poderia ter sido’ e que assume um ‘efeito de real’. Ora, o discurso literário dá uma nova existência à coisa narrada. Se é o olhar que qualifica o mundo, a narrativa literária ordena o real e lhe confere um valor, exercendo uma espécie de ‘pedagogia da imaginação’. A retórica, o estilo e os registros de linguagem que selecionam palavras e fazem uso de metáforas são responsáveis pela formação do museu imaginário de cada um (SILVA, 2012: 58 apud PESAVENTO, 2002:14).

Portanto, “a formação do museu imaginário de cada um”, reforça a ideia de que as experiências espaciais são únicas e subjetivas, onde cada indivíduo possui uma memória espacial, um inventário sensorial próprio, a partir de suas vivências. No entanto, como nos lembra Mello (2012, p. 39), com base em Wagner (1979, p. 21), “não existem marcas e signos em si, mas somente em virtude do significado que um ser humano ou grupos lhes atribuem”.

Este museu imaginário pode ser ainda, fortemente influenciado por memórias coletivas, ou seja, por um conjunto de signos acerca do lugar que não é próprio do indivíduo, mas formado pelo grupo social no qual está inserido. Assim, é possível estimar: “lugares onde nunca estive pessoalmente, porém a mim transmitidos por amigos, parentes ou pelos meios de

comunicação tradicionais ou pela parafernália emitida pela computação” (MELLO, 2012, p. 33).

Destarte, a literatura assume um importante papel na formação da memória coletiva, uma vez que “os artistas, quando divulgam, das mais diferentes maneiras, geografias próprias ou alheias, contribuem para a aprendizagem e apropriação dos lugares” (MELLO, 2012:53). Machado de Assis, desta forma, contribui para que sua percepção e afeição pela cidade do Rio de Janeiro seja transmitida ao leitor, que passa a enxergar a cidade sob a ótica do autor, podendo apropriar-se da cidade afetivamente, transformando-a em lugar.

Uma figura urbana que inspirou largamente a produção literária durante o século XIX foi a figura do *Flanêur*, andarilho que vive a experimentar as ruas e a vida urbana, como adverte Silva (2012, p. 62) revisitando Ferrara (1997, p. 198):

A figura do *Flanêur* inspirou inúmeros romancistas que, de certa forma, representaram o espaço urbano na virada para o século XX: ‘ Além do próprio *Flanêur*, criado magistralmente por Walter Benjamin, esse tipo de imaginário inspirou todos os grandes romancistas da cidade da primeira revolução industrial à Dostoiévsky, sem esquecer Machado de Assis, ao recriar, através de seus tipos urbanos, a complexidade cultural do Rio de Janeiro no final do século XIX (SILVA, 2012:62 apud FERRARA, 1997:198).

E não seria a própria figura de Machado de Assis um *Flanêur*? Nascido no Morro do Livramento, Machado viveu toda a sua vida praticamente sem sair do Rio de Janeiro, tendo ido no máximo à Nova Friburgo para se tratar de uma enfermidade. Além do Morro do livramento, sua residência na infância, morou na Rua dos Andradas, nº 147 – em um sobrado cuja fachada ainda se encontra preservada –, na Rua Santa Luzia, onde hoje se encontra o Tribunal de Contas do Município e na Rua do Cosme Velho, nº 17, após casar-se com Carolina (TRIGO, 2001). O bruxo do Cosme velho, como o apelidou Carlos Drummond de Andrade, ao mudar-se para este bairro e trabalhar no Centro, passou a ver e viver a cidade através dos bondes.

Diante de toda uma existência vivida na cidade do Rio de Janeiro, Machado de Assis registrou em sua obra, em especial em suas crônicas, suas percepções acerca dos acontecimentos e transformações na cidade de São Sebastião. Tendo testemunhado a transição dos séculos XIX para o século XX, Machado presenciou a chegada dos bondes a burro, sua substituição pelos bondes elétricos, a expansão dos domínios da cidade para seus arrabaldes, além das intervenções urbanísticas promovidas pelos prefeitos Barata Ribeiro e Pereira Passos, entre outras páginas importantes da geografia da cidade do Rio. Ao passo que o

próprio Machado entendia seu ofício como cronista como o de “contar as semanas” (ASSIS, 1893), a riqueza de suas crônicas consiste não somente na sua possível classificação como um documento histórico, conforme podem sugerir algumas abordagens da relação geografia-literatura aqui já tratadas (MARANDOLA JR., 2010). Entendemos que sua riqueza consiste no fato das crônicas tratarem do olhar machadiano sobre o Rio de Janeiro. O seu flandar pelas redações de jornais, o ir e vir de casa para o trabalho de bonde, e seus lugares de pausa, como a Rua do Ouvidor, a livraria Garnier, o Largo de São Francisco, o Passeio Público, a câmara dos deputados e o senado, entre tantos outros lugares machadianos, são constantemente explorados em suas crônicas. Destarte, através das crônicas machadianas, é possível acessar a cidade a partir de uma associação de fragmentos: a cidade do Rio através dos caminhos percorridos e apreendidos pelo olhar machadiano, construindo, portanto, um retrato metafórico da cidade, já que o autor conhecia a cidade na sola dos pés:

O Flanêur, a prostituta o burguês, a multidão, a velocidade e outros, atuam como metáforas da cidade e da modernidade, e são temas constantes no imaginário urbano (...) o imaginário sobre uma cidade não a reproduz, mas sendo ele ‘estimulado pelos seus fragmentos’, que são as metáforas, o imaginário ‘produz discursos que com ela interagem (...)’. O imaginário supõe uma associação de fragmentos que, montados, constroem um retrato metafórico da cidade (SILVA, 2012, p. 64).

Machado de Assis, este *flanêur* cronista, possui uma verve de geógrafo, na medida em que “cada ser humano é um geógrafo informal capacitado para discorrer sobre a alma dos lugares [...] Todo ser humano faz, aprende, transmite, interioriza e, evidentemente, vive geografia” (MELLO, 1991). Deste modo, o autor imprime em suas obras e, sobretudo, em suas crônicas, a sua vivência e o seu entendimento a respeito da cidade do Rio de Janeiro, tendo em vista que sua narrativa ocorre em lugares conhecidos e por vezes íntimos, experienciados pelo autor, sendo parte do seu cotidiano, do seu lugar vivido.

A crônica publicada em 21 de Janeiro de 1889 é um exemplo de como Machado de Assis utiliza essas publicações como um relato, um diário de suas experiências na cidade do Rio de Janeiro:

Bons dias! Vi, não me lembra onde... É meu costume, quando não tenho que fazer em casa, ir por esse mundo de Cristo, se assim se pode chamar à cidade de São Sebastião, matar o tempo. Não conheço melhor ofício, mormente se a gente se mete por bairros excêntricos; um homem, uma tabuleta, qualquer coisa basta a entreter o espírito, e a gente volta para casa "lesta e aguda", como se dizia em não sei que comédia antiga. Naturalmente, cansadas as pernas, meto-me no primeiro bonde, que pode trazer-me à casa ou à Rua do Ouvidor, que é onde todos moramos. Se o bonde é dos que têm de ir por vias estreitas e atravancadas, torna-se um verdadeiro obséquio do Céu. De quando em quando, para diante de uma carroça que despeja ou recolhe

fardos. O cocheiro trava o carro, ata as rédeas, desce e acende um cigarro; o condutor desce também e vai dar uma vista de olhos ao obstáculo. Eu, e todos os veneráveis camelos da Arábia, vulgo passageiros, se estamos dizendo alguma coisa, calamo-nos para ruminar e esperar. Ninguém sabe o que sou quando rumino. Posso dizer, sem medo de errar, que rumino muito melhor do que falo. A palestra é uma espécie de peneira, por onde a ideia sai com dificuldade, creio que mais fina, mas muito menos sincera. Ruminando, a ideia fica íntegra e livre. Sou mais profundo ruminando; e mais elevado também. Ainda anteontem, aproveitando uma meia hora de bonde parado, lembrou-me não sei como o incêndio do club dos Tenentes do Diabo. Ruminei os episódios todos, entre eles os atos de generosidade da parte das sociedades congêneres; e fiquei triste de não estar naquela primeira juventude, em que a alma se mostra capaz de sacrifícios e de bravura. Todas essas dedicações dão prova de uma solidariedade rara, grata ao coração. Dois episódios, porém, me deram a medida do que valho, quando rumino. Toda a gente os leu separadamente; o leitor e eu fomos os únicos que os comparamos. Refiro-me, primeiramente, à ação daqueles sócios de outro club, que correram à casa que ardia, e, acudindo-lhes à lembrança os estandartes, bradaram que era preciso salvá-los. "Salvemos os estandartes!" e tê-lo-iam feito, a troco da vida de alguns, se não fossem impedidos a tempo. Era loucura, mas loucura sublime. Os estandartes são para eles o símbolo da associação, representam a honra comum, as glórias comuns, o espírito que os liga e perpetua. Esse foi o primeiro episódio. Ao pé dele temos o do empregado que dormia, na sala. Acordou este, cercado de fumo, que o ia sufocando e matando. Ergueu-se, compreendeu tudo, estava perdido, era preciso fugir. Pegou em si e no livro da escrituração e correu pela escada abaixo. Comparai esses dois atos, a salvação dos estandartes e a salvação do livro, e tereis uma imagem completa do homem. Vós mesmos que me ledes sois outros tantos exemplos de conclusão. Uns dirão que o empregado, salvando o livro, salvou o sólido; o resto é obra de sirigueiro. Outros replicarão que a contabilidade pode ser reconstituída, mas que o estandarte, símbolo da associação, é também a sua alma; velho e chamuscado, valeria muito mais que o que possa sair agora, novo, de uma loja. Compará-lo-ão à bandeira de uma nação, que os soldados perdem no combate, ou trazem esfarrapada e gloriosa. E todos vós tereis razão; sois as duas metades do homem, formais o homem todo...Entretanto, isso que aí fica dito está longe da sublimidade com que o ruminei. Oh! se todos ficássemos calados! Que imensidade de belas e grandes ideias! Que saraus excelentes! Que sessões de Câmara! Que magníficas viagens de bonde! Mas por onde é que eu tinha principiado? Ah! uma coisa que vi, sem saber onde... Não me lembra se foi andando de bonde; creio que não. Fosse onde fosse, no centro da cidade ou fora dela. (ASSIS, 1889).

No trecho “É meu costume, quando não tenho que fazer em casa, ir por esse mundo de Cristo, se assim se pode chamar à cidade de São Sebastião, matar o tempo”, podemos associar o autor à figura do *flanêur*, já explorada acima, uma vez que a principal característica desta figura emblemática é a do andarilho vagante pela cidade. Já o trecho “Naturalmente, cansadas as pernas, meto-me no primeiro bonde, que pode trazer-me à casa ou à Rua do Ouvidor, que é onde todos moramos” merece destaque, já que tanto o bonde quanto a rua do Ouvidor são frequentemente citados nas crônicas machadianas, possuindo o bonde 168

citações e a Ouvidor 85, se considerarmos o conjunto de crônicas escritas por Machado de 1859 a 1900.

O bonde é retratado em suas crônicas não somente como um meio que transporta Machado de Assis para suas plataformas intelectuais – a saber: redações de jornais e revistas, livraria Garnier e, posteriormente, Academia Brasileira de Letras – mas como um lugar de observação e reflexão do cotidiano carioca. São diversas as passagens em que Machado afirma estar no bonde quando lhe ocorreu algo inusitado, ou onde fez uma reflexão e chegou a uma conclusão sobre inúmeros assuntos. Trechos como “estava no bonde quando pensei, ou quando lembrei, quando de repente me ocorreu que...” são frequentes nas crônicas machadianas, o que não é diferente na crônica supracitada. O bonde perpassa a crônica do início ao fim, primeiro como um meio de transporte para chegar “à casa ou à Rua do Ouvidor, que é onde todos moramos”. Em seguida, com a interrupção do seu movimento pela cidade, “aproveitando uma meia hora de bonde parado”, Machado passa a narrar um episódio ocorrido na cidade: o incêndio no club dos Tenentes do Diabo, suscitando a discussão do que deve ter prioridade na disputa entre valor simbólico e o material, o primeiro expresso na preservação da memória de um clube a partir do resgate de seus estandartes – e, portanto, também da memória da cidade – e o segundo revelado através da salvaguarda do seu livro contábil. O bonde aparece ainda na expressão “que magníficas viagens de bonde!”, considerando a possibilidade dos passageiros do bonde falarem menos e pensarem – ou ruminarem – mais. O bonde figura ainda no fechamento da crônica, quando, na tentativa de retomar o motivo que o fez narrar tais histórias, Machado se refere ao bonde como um lugar de interação, vivência e de saber causos da cidade: “Ah! uma coisa que vi, sem saber onde... Não me lembra se foi andando de bonde”. E qual seria a explicação para que o bonde tenha assumido tamanho protagonismo em suas crônicas? Em nosso entendimento, o bonde proporciona à Machado uma nova relação espaço-temporal, constituindo-se em uma nova maneira do autor viver, apreender e observar a cidade. Assim, o bonde não somente proporcionava que o autor chegasse mais rápido aos seus lugares, mas criava uma nova perspectiva do autor se relacionar com a paisagem e com os lugares.

Em relação à rua do Ouvidor, o autor se refere a esse logradouro como “a rua onde todos moramos”. Assim, Machado considera a Ouvidor um lar, demonstrando grande afetividade com relação a esta via. A rua do Ouvidor era a mais importante rua do Rio de Janeiro do século XIX (COHEN, 2001). Concentradora de serviços e de modas, foi a primeira rua a obter iluminação pública, cinema, telefone e abrigava as principais casas comerciais do

Rio de Janeiro, a exemplo da livraria Garnier. Em trabalho anterior (CARVALHO, 2016), defendemos a rua do Ouvidor enquanto um lugar machadiano a partir da análise de uma crônica publicada na Gazeta de Notícias, em 13 de Agosto de 1893. A partir da defesa do não alargamento da rua, Machado de Assis expressa toda sua afeição pela Ouvidor, na medida em que, se a rua não fosse preservada, deixada “assim estreitinha” (ASSIS, 1893), perderia todas as suas características que remetem a uma sensação de aconchego, identidade e intimidade. Sabendo que este logradouro é citado pelo autor, como vimos, 85 vezes, a crônica aqui analisada configura-se como mais um registro da identificação de Machado com esta rua.

Valendo-se de seu ofício de “contar as semanas” (ASSIS, 1893), Machado de Assis revela em suas crônicas seu olhar sobre os acontecimentos da cidade, do cotidiano (seu e da cidade), em uma seleção arbitrária e subjetiva dos assuntos a serem abordados. Baseando-se na ideia proposta por Mello (1990) acerca dos literatos possuírem uma veia geográfica, recorreremos às crônicas machadianas a fim de identificar e analisar fragmentos de sua obra que estivessem em consonância com os preceitos da geografia humanista, que considera o mundo vivido como um aspecto fundamental da análise geográfica dos lugares dos homens.

Considerações finais

Instigados pelo questionamento acerca dos estudos que relacionam Geografia e Literatura constituírem um campo novo, buscamos nesse artigo propor uma introdução aos estudos relacionados a Geografia e literatura, almejando mostrar a pertinência da aproximação dessas duas áreas do conhecimento, na medida em que a literatura se apresenta como um rico território a ser explorado pelos Geógrafos.

Ambicionamos também apresentar a evolução do campo, indicando as abordagens e caminhos teóricos mais comumente utilizados nas tessituras da Geografia e Literatura. A riqueza de abordagens aqui apresentadas não esgota as possibilidades para o estudo das geografias literárias, apenas sugerem alguns caminhos já trilhados. No entanto, esses limites não são engessados, podendo ser borrados e culminar no desdobramento de outros vieses.

Verificamos que a cidade e aspectos do viver urbano não são de interesse somente das investigações geográficas, mas também esteve muito presente na literatura do século XIX, na qual se inserem as crônicas escritas por Machado de Assis. Em um esforço de aproximar Geografia e literatura por meio da Geografia Humanista, constatamos haver por parte de Machado forte afeição, pertencimento e bem-querência com respeito a porções da cidade do

Rio de Janeiro, como a rua do Ouvidor e o bonde, considerados, portanto, lugares machadianos.

As crônicas escritas por Machado de Assis contemplam um recorte do Rio de Janeiro, cuja escala é o seu olhar. Assim, sendo o Machado cronista possuidor do “ofício de contar as semanas” (ASSIS, 1893), a crônica torna-se uma fonte privilegiada para a análise do cotidiano carioca, uma vez que nelas Machado deposita suas vivências e impressões na/da cidade.

De acordo com o geógrafo Yi-fu Tuan, sentir um lugar leva tempo: “se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos (...) é registrado pelos nossos músculos e ossos” (TUAN, 1983, p.203). Podemos considerar que, ao longo dos 41 anos em que Machado transitou pelas redações dos jornais e revistas escrevendo suas crônicas, no vai-e-vem das ruas e lugares, o autor incorporou a cidade do Rio, dia após dia, em seus músculos e ossos, de tal maneira que a Geografia do Rio de Janeiro pode ser contada e recontada fascinantemente a partir do olhar machadiano.

Referências Bibliográficas

AB’SÁBER, Aziz N. **O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Ab’Saber em depoimento a Cynara Menezes**. Rio de Janeiro: Record, 2007. 207p.

ASSIS, Machado de. Bons dias! Gazeta de Notícias, 21 de janeiro de 1889. In: **Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva)**. Edição do Kindle. Não paginada.

_____. A Semana, Gazeta de Notícias, 08 de Jan. 1893. In: **Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva)**. Edição do Kindle. Não paginada.

_____. A Semana. Gazeta de Notícias, 13 de ago. 1893. In: **Obras Completas de Machado de Assis VI: Crônica Completa (Edição Definitiva)**. Edição do Kindle. Não paginada.

BARCELLOS, Frederico Roza. **Espaço, lugar e literatura – O olhar geográfico machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, N. 25, p. 41-52, Jan/Jun. de 2009.

BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org.). **Geografia cultural: uma antologia, volume II.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013. 296p.

BROSSEAU, Marc. O romance: um outro sujeito para a geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.

CARVALHO, S.R.A. Rua do Ouvidor em um fragmento machadiano. In: SUZUKI, Júlio César; SILVA, Adriana Carvalho. (Org). **Estética, poética e narrativa: entre fluidez e permanência nas artes**. 1ed. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016, v.1, p.126-160.

COHEN, Alberto. A. **Ouvidor, a Rua do Rio**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: AACohen, 2001. 128p.

DARDEL, Eric. **O Homem e a terra: Natureza da realidade Geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FERNANDES, Felipe M. **Tristes fins de Policarpo Quaresma: Brasil entre ficções geográficas no sertão/litoral**. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Universidade de São Paulo. 2017.

FERNANDES, N. N. Capitalismo e morfologia urbana na longa duração: Rio de Janeiro (séculos XVIII-XXI). In: BARBOSA, Jorge Luiz; LIMONAD, Ester (Orgs). **Ordenamento territorial e ambiental**. 1 Ed. Rio de Janeiro: EDUFF, 2012.282p.

FERRARA, L. D'Aléssio. Cidade: imagem e imaginário. In PESAVENTO, S. J.; SOUZA, C. F.(org.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGR, 1997, p. 193-201.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org.). **Geografia cultural: uma antologia**, volume I.. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012. 344p.

LAFAILLE, R. **Départ: géographie et poésie**. Le Géographie Canadien, 1988, 33 (2), pp. 118-30.

MARANDOLA JR, Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 34, n. 3, set./dez. 2009. P. 487-508.

MARANDOLA JR, Eduardo. Geograficidades vigentes pela literatura. In: SILVA, Maria Auxiliadora da; SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da (Org.). **Geografia, literatura e arte: reflexões**. Salvador: EDUFBA, 2010. P. 21-32.

MELLO, J.B.F. de. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 52, p.91-115, 1990.

_____. **O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira - 1928/1991 - uma introdução à geografia humanística**. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 1991. 301 p.

_____. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werter; OLIVEIRA, Lívia de. (Orgs). **Qual é o espaço do lugar?** 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. 307p. p. 33-68.

PECHMAN, R. M. (org.). Olhares sobre a cidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

PESAVENTO, S. J. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2002.

POCOCK, Douglas. **Humanistic Geography and Literature: essays on the experience of place**. London: Croon Holm Ltda., 1981. 224p.

RIBEIRO, Bruna. Campanha '**Machado de Assis Real**' recria imagem do escritor negro. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/blogs/bruna-ribeiro/campanha-machado-de-assis-real-recria-imagem-do-escritor-negro/>>. Acesso em 20 de Agosto de 2019.

SILVA, Adriana Carvalho. **O Rio de Janeiro em Dom Casmurro – Literatura como representação do espaço**. Tese de Doutorado, UFF, 2012.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e literatura: Abordagens e enfoques contemporâneos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação/nº 5**. Set. 2017. Pág 129-147.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TRIGO, Luciano. **O viajante imóvel: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 298p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983. 250 p.

WAGNER, H. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979

WRIGHT, John K., Terrae incognitae: O lugar da imaginação na geografia. **Geograficidade**, v.4, n.2, Inverno 2014 [originalmente publicado em 1946].

Recebido em 05 de agosto de 2019.

Aceito em 02 de outubro de 2019.